

## **DECLARAÇÃO POLÍTICA**

**António Marinho**

**7 de Julho de 2009**

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Tentam tudo por tudo! Até ao limite! Já não conseguem disfarçar.

Os sinais de crise atingem agora, em toda a dimensão, a economia açoriana.

As famílias e as empresas sabem que as habituais explicações, muitas vezes quase imorais, com que o Governo Regional, e os socialistas em geral, tentam tapar o sol com a peneira são, apenas, uma descarada “venda” de “gato por lebre”.

Sentem-se enganados.

Os Açorianos nem necessitam de olhar para os números. Muito menos necessitam que lhes transmitam, juntamente com análises embrulhadas em papel e laço cor-de-rosa. Sabem, através da sua própria experiência. Conhecem, em função das suas próprias dificuldades. Sentem... e de mais não precisam para concluir que o paraíso socialista que lhes é veiculado não passa de uma quimera oferecida no permanente processo de propaganda enganosa com que são bombardeados.

As empresas, na sua larguíssima maioria, sabem que o recuo da actividade económica nos Açores está a provocar uma forte quebra na sua própria actividade. Conhecem-na bem, sentindo-a especialmente nos momentos em que têm que fazer face a compromissos que assumiram perante terceiros, altura em que tudo se mostra ainda mais doloroso.

Os empresários açorianos sabem, conhecem e sentem. Sentem que está a ser muito difícil lidar com a actual situação. Eles, que procuraram sempre ocupar dignamente a sua posição no mercado, e na sociedade em geral, vêem-se agora confrontados com o que julgavam que dificilmente seria possível, pelo menos com a dimensão que tudo atingiu. Com a absoluta necessidade de adiarem pagamentos aos seus fornecedores habituais. Com o prolongamento por mais alguns meses da satisfação dos compromissos para com os bancos, com quem sempre mantiveram relações de forte e mútua confiança.

Mas não só.

A grande maioria das empresas e empresários está perfeitamente ciente do papel social que também protagonizam com a sua actividade. Por isso, a inevitabilidade do recurso à dispensa dos seus colaboradores, para assegurar alguma da pouca saúde económica e financeira que lhes reserva o contexto actual, é, sem qualquer margem para dúvida, a mais custosa das decisões que têm de tomar.

E é nesse domínio que se concentram agora as maiores das preocupações dos Açorianos: o crescente desemprego que, em processo de subida já há alguns anos, se apresenta agora em agravamento muito acentuado.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

O desemprego é o principal factor que leva a que as famílias açorianas olhem o futuro com apreensão generalizada.

Em tempos, foram muitas as dúvidas que alguns tentaram lançar quanto ao aumento consistente do desemprego na Região. Se aquelas chegaram a instalar-se, estão definitivamente desmascaradas com o conhecimento dos dados mais recentes. É um fenómeno altamente indesejável, que afecta as famílias directamente, e as empresas indirectamente. Está em clara e forte tendência de agravamento.

A perenidade do desemprego elevado na Região é óbvia. Já há muito caíram por terra as rebuscadas explicações que se apontavam para desvios meramente ocasionais.

Ainda hoje é lembrada uma absurda “fantasia” em certa altura avançada pelo Presidente do Governo. A tal de “uma flutuação estatística... que nós acreditamos que não corresponde a um percurso consistente do ponto de vista ascensional”. Algo que, provavelmente, nem o seu autor sabia bem o que significava. Apenas um conjunto de palavras, talvez eruditas e sonantes, mas sem qualquer sustentação técnica, como o tempo se encarregou de provar.

É sabido que a taxa real de desemprego é seguramente mais elevada do que a oficial. A falta de fiabilidade da medida nos Açores, decorrente das insuficiências metodológicas que encerra o Inquérito Trimestral ao Emprego, assim o sugere. Ainda assim, o patamar de 2% em que o desemprego se encontrava em 2003, tão mimado pelos socialistas nesse período, foi efémero e há muito desapareceu.

Em 2008 já estava num plano três vezes superior ao desse momento áureo, o que por si só mostra quanto o fenómeno se agravou. Mesmo assim, o primeiro trimestre deste ano de 2009 ainda trouxe consigo um agravamento substancial. Chegou a 6.7%, agravando-se 1.1 pontos percentuais no espaço de apenas três meses.

O fenómeno já preocupa cada um e o seu vizinho. Em muitos casos, a falta de trabalho chegou mesmo a casa, razão pela qual os Açorianos se chocam com as palavras

“tranquilas” dos governantes, das quais tomam conhecimento através da comunicação social, em total contradição com a situação que tanto está a penalizar as suas famílias.

A economia açoriana, na verdade, não está a gerar emprego. Está anémica, vive um momento difícil. Não de agora, dos últimos meses, nem sequer desde que a crise assolou toda a economia mundial. Resulta também das opções tomadas em termos de política económica por este governo socialista, que geraram a incapacidade de enfrentar a actual fase com outra disponibilidade de meios.

Os Açores enfrentam uma fase complexa. O governo tudo faz para esconder a realidade, para a mascarar. O seu objectivo passa apenas por satisfazer os seus próprios interesses, na perspectiva de assim obter dividendos do foro exclusivamente partidário. Na economia, esse comportamento paga-se caro.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Os agentes económicos necessitam de conhecer a realidade em que se inserem. Só assim estão habilitados a tomar as decisões adequadas.

Só a posse de informação permite desenhar as melhores medidas e vencer os obstáculos que vão surgindo na evolução do tecido económico. A informação tem, por isso, de ser perfeitamente aderente à realidade. Não é passível de se ajustar a interesses. Tem de ser isenta. Não pode ser parcial nem, muito menos, deturpada.

Nos Açores, no entanto, as leituras oficiais são sempre ajustadas aos interesses de quem governa. Não há qualquer hesitação por parte dos socialistas em fazer esquecer os números que põem em causa as opções assumidas no domínio da política económica. É

frequente a tendência para desvalorizar, ou mesmo esconder, a informação que mostra que a realidade evolui em mau sentido.

Com a ajuda de organismos oficiais que deveriam pautar a sua actuação por critérios técnicos exigentes, mas que sucumbem à cor política dos seus responsáveis, os Açorianos são atingidos por uma informação que tem apenas como objectivo dar cobertura às opções de carácter político. Nem que para isso se tenha que dar uma imagem errada às famílias e empresas açorianas.

Uma má decisão dos agentes económicos, devido a deficiente informação transmitida, além de não atacar o verdadeiro problema, leva, em simultâneo, ao desperdício de recursos. Ora, os recursos são escassos. Têm, por isso, de ser bem aplicados. Influenciar as decisões dos agentes económicos através de leituras falsamente benevolentes não ajuda a aumentar a confiança. Gera mais desequilíbrios e compromete ainda mais o futuro. Paga-se caro.

Em tempo de crise, como aquele que se vive, tudo isso se torna ainda mais premente. E todos sabem que os socialistas acordaram tarde para a crise.

A subjugação aos interesses partidários de um ano de eleições regionais, em 2008, levou a que César apenas tivesse transmitido a crise aos Açorianos depois de Outubro desse ano. Quando ela já se encontrava completamente instalada, penalizando fortemente as famílias e empresas açorianas.

Mesmo agora, as leituras que o Governo Regional vai tentando introduzir sobre o estado da economia açoriana estão desfasadas da realidade e do sentimento dos Açorianos. A irresponsabilidade instalou-se.

Como se vê, a verdade não tem sido o ponto forte dos socialistas.

A realidade transmitida pelos elementos estatísticos disponíveis não é motivo de satisfação de quem quer que seja. Pelo contrário. Os números mais recentes são preocupantes e não há certezas quanto à capacidade de, em tempo oportuno, a economia açoriana se afastar de um cenário desfavorável.

No sector primário, enquanto na fileira do leite se segue um caminho de reduzidos rendimentos, que conduz os agricultores para situações muito difíceis, na fileira da carne, o gado abatido nos primeiros três meses de 2009 conhece uma subida de 19.2%. Pena é que a descida de 49.2% no gado vivo exportado determine uma quebra de 14.9% em termos de conjunto, com reflexos para quem daí obtém meios de subsistência para as suas famílias.

A pesca, que já em 2008 se confrontou com quebras trimestrais significativas, iniciou o ano de 2009 com uma descida trimestral de 19.1%.

O sector da construção passa reconhecidamente por um período muito difícil. Possui uma carteira de encomendas reduzida ou mesmo nula. Convive com acentuadas dificuldades de acesso ao crédito. As empresas que vão conseguindo sobreviver têm-se visto obrigadas a reduzir o seu quadro de pessoal.

Os licenciamentos para construção são sucessivamente mais reduzidos. No final do primeiro trimestre de 2009 a quebra era de 22%, o que se seguiu a descidas sempre superiores a 10% nos trimestres anteriores. Mesmo antes de 2008 o recuo era o que caracterizava a evolução deste indicador. Tudo é confirmado pela descida nas vendas de cimento, de 18.2% no fim de Março de 2009, em comparação homóloga.

No turismo, a situação é muito preocupante. Já desde meados de 2007 que as quebras ensombram a evolução do sector. No espaço de vinte meses que decorre de Setembro de 2007 até Abril de 2009, só em cinco meses há evoluções positivas no número de dormidas. Os restantes quinze meses são de queda. As subidas, infelizmente, referem-se a meses correspondentes à época baixa.

Num sector que o Governo Regional classificou como de aposta, à qual às empresas do sector responderam com investimentos de vulto, a um incipiente crescimento de 0.4% em 2007, seguiu-se uma descida de 4.8% em 2008. No ano de 2009, nos quatro meses já disponíveis, a quebra é de 4.5%. A taxa de ocupação, que já era reduzida em 2007, com 39.8%, desceu em 2008 para 36.9%.

As vendas de automóveis, que tiveram um comportamento razoável em 2008, recuperando parcialmente as descidas de anos anteriores, tiveram um mau início em

2009. A descida foi de 43.9%, estendendo-se, quer a ligeiros, quer a comerciais, dando nota, no segundo caso, de problemas a nível do investimento privado.

No comércio, a apreciação feita pelo sector quanto à evolução passada tem sido crescentemente negativa a partir de meados de 2007. A perspectiva para o corrente ano é fortemente preocupante.

O que o sistema estatístico demonstra claramente é, no entanto, objecto de uma apreciação contraditória por parte dos serviços oficiais de estatística. Para estes, a economia açoriana “deve ter registado uma evolução positiva” no primeiro trimestre de 2009. É o mais evidente descaramento por parte de quem, para cumprir a disciplina partidária, dando bom tom à cor “rosa”, perdeu definitivamente a credibilidade técnica que deveria possuir, prestando-se a um papel pouco digno.

A verdade está perfeitamente clara nos dados estatísticos oficiais. Não está nas pretensas análises que os acompanham, que envergonham certamente os bons profissionais que trabalham nos serviços que os produzem.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Os dados existentes correspondem na íntegra ao que é sentido pelas famílias e empresas açorianas. Com especial realce para a questão do desemprego, como frisámos inicialmente. A subida deste, paulatina numa primeira fase, e com maior agressividade desde 2008, leva a que em Março de 2009 o fenómeno atinja quase 8,000 Açorianos.

No espaço de um ano, mais 1569 Açorianos estão desempregados. O agravamento é de 24.5%.

No espaço de dois anos, se nos reportarmos ao primeiro trimestre de 2007, há mais 2722 Açorianos desempregados. O agravamento é de 51.8%.

Nos serviços de emprego, no conjunto dos primeiros cinco meses de 2009, as ofertas de emprego baixaram 82.3%. É a tradução da anemia que vive o sector empresarial.

Quem pode ter descaramento suficiente para desvalorizar este problema?

Quem pode minimizar um fenómeno com consequências sociais tão nefastas?

O desemprego é, manifestamente, o maior dos problemas que a economia açoriana enfrenta actualmente.

Para os Açorianos, que bem sentem os seus efeitos, a conversa socialista não é, apenas, irreal. É totalmente insultuosa.

O tardio reconhecimento da situação de crise pelo Governo Regional não ajudou.

As medidas entretanto tomadas revelaram-se insuficientes. Ficou claro que há necessidade de outras medidas. Também nesse caso, o tempo encarregou-se de dar razão ao PSD.

Algumas revelaram-se positivas para melhorar o sufoco financeiro das empresas açorianas. Contudo, não reconduziram estas ao patamar de segurança que seria necessário.

Outras revelaram-se, apenas e só, pouco ou mesmo nada atractivas.

É por isso que governo teve que entrar numa segunda geração de medidas contra a crise. Navegando à deriva. Navegando à vista, quanto muito.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente



Senhoras e Senhores Membros do Governo

Só uma análise com isenção, que aceite e divulgue a realidade, permite boas medidas e decisões. Só a verdade dos números permite conceber as soluções de que a economia açoriana tanto necessita. Quer nos bons, quer nos maus momentos.

Com a verdade podemos fazer melhor e ser justamente julgados.

Os Açorianos merecem. Têm direito a conhecer a realidade.

O PSD, como partido responsável, assumirá, sempre, o compromisso de nunca faltar com a verdade aos Açorianos.

Disse